



ILESSI  
mundo afora: meada

Duas crianças caminham de mãos dadas na beira da praia de um paraíso tropical.  
A névoa se dissipa lentamente e posso então ver:  
É o Brasil, sinto e ouço, é ele.

llessi carrega o grito negro guardado, séculos a fio. E o fio da mensagem urgente escapa de suas pregas vocais, queira ela ou não. Mensageira não escolhe ser. É. Sim, é o Brasil, reconheço o riso solto, o choro desmedido, a felicidade sem dia seguinte. O salto mortal. Sereno em meio ao incêndio.

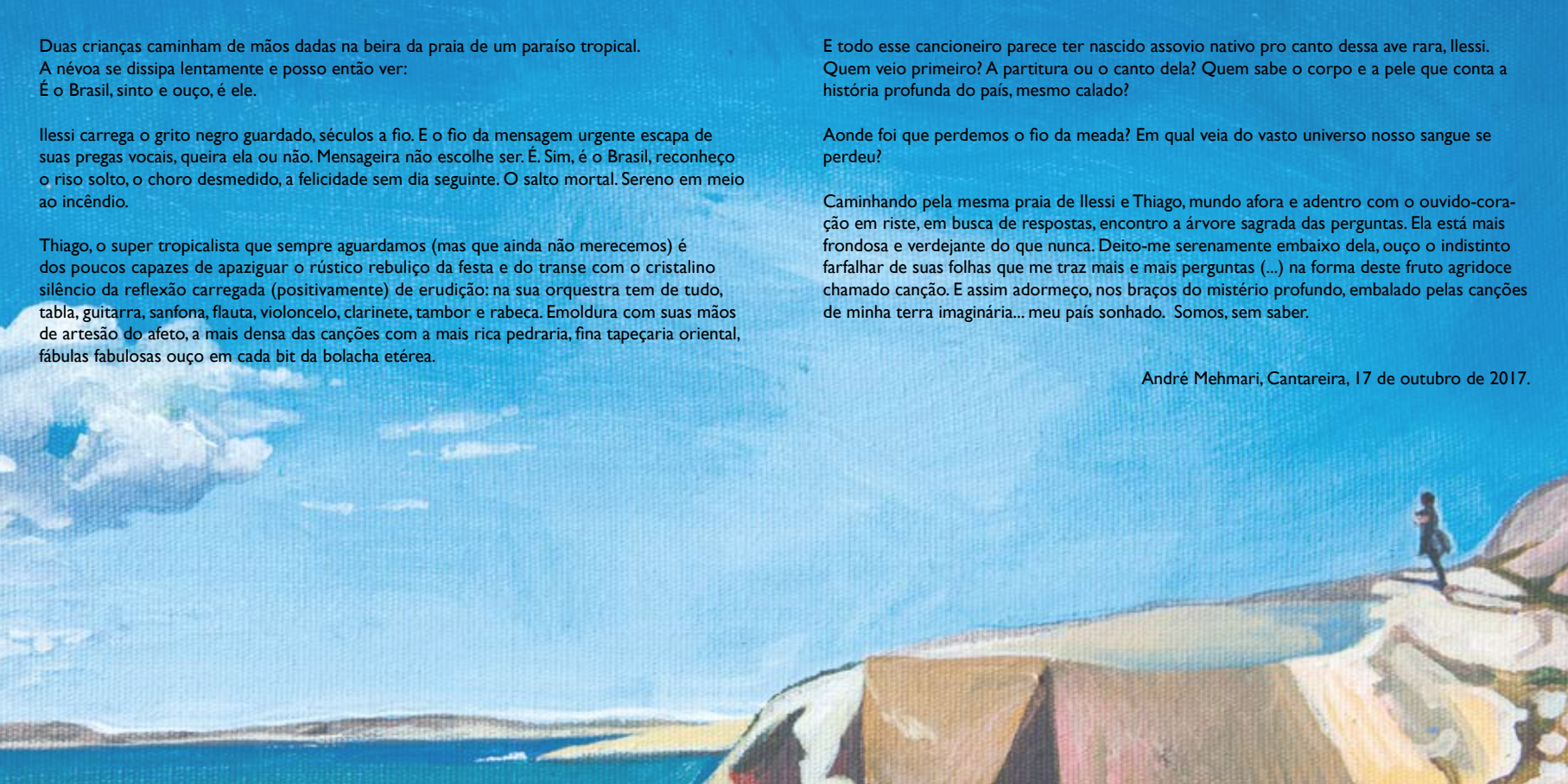
Thiago, o super tropicalista que sempre aguardamos (mas que ainda não merecemos) é dos poucos capazes de apaziguar o rústico rebuliço da festa e do transe com o cristalino silêncio da reflexão carregada (positivamente) de erudição: na sua orquestra tem de tudo, tabla, guitarra, sanfona, flauta, violoncelo, clarinete, tambor e rabeca. Emoldura com suas mãos de artesão do afeto, a mais densa das canções com a mais rica pedraria, fina tapeçaria oriental, fábulas fabulosas ouço em cada bit da bolacha etérea.

E todo esse cancioneiro parece ter nascido assovio nativo pro canto dessa ave rara, llessi. Quem veio primeiro? A partitura ou o canto dela? Quem sabe o corpo e a pele que conta a história profunda do país, mesmo calado?

Aonde foi que perdemos o fio da meada? Em qual veia do vasto universo nosso sangue se perdeu?

Caminhando pela mesma praia de llessi e Thiago, mundo afora e adentro com o ouvido-coração em riste, em busca de respostas, encontro a árvore sagrada das perguntas. Ela está mais frondosa e verdejante do que nunca. Deito-me serenamente embaixo dela, ouço o indistinto farfalhar de suas folhas que me traz mais e mais perguntas (...) na forma deste fruto agridoce chamado canção. E assim adormeço, nos braços do mistério profundo, embalado pelas canções de minha terra imaginária... meu país sonhado. Somos, sem saber.

André Mehmari, Cantareira, 17 de outubro de 2017.



## I. NEGRO SANGUE

(Diogo Sili / Renato Frazão)

Não dura mais um século essa sanha  
Que deixa o ar infecto no mangue.  
Da terra, revirada nas entranhas,  
A seita extinguirá o negro sangue.

E a malta que, insurrecta, reclama  
O bálsamo de sal desse melaço,  
Quando cuspir do mar a preta lama  
Adorará um deus feito de aço.

Ai, São João,  
A fogueira tá queimando!  
Olha que braseiro!  
Olha que fornalha!  
Olha o óleo, São João!

O ar irrespirável da restinga.  
O delta embriagado de betume.  
Na terra tudo que é planta não vinga  
E o golfo golfa mil barris de estreme.

Na praia, sob um sol quase apagado,  
Te vejo refletindo tantas cores.  
Da água sai teu corpo bronzeado  
Pelo calor de mil carburadores.

Ai, São João,  
A fogueira tá queimando!  
Olha que braseiro!  
Olha que fornalha!  
Olha o óleo, São João!



llessi – vozes

Edson Fernando – bateria, triângulo, zabumba

Felipe José – violoncelo

Leandro César – ronda moderna

Luiza Brina – baixo

Pedro Carneiro – guitarra

Rafael Martini – sanfona

## 2. MARGINAL DA 381

(Paulo Rocha)

Encostada à margem de uma rodovia  
No sol, entre as palmeiras  
Roga suas glórias cristãs  
E no afã de ser alguém  
Onde cruza a via  
Colorada pela poeira  
Que vem da estrada feito blush  
Na boca  
E a sudorese nas coxas  
Escorre até o chão  
Ao roncar um velho motor  
Que transborda um negro pó, que asfixia  
Os anseios de quem não quer nada  
No asfalto se assalta  
Na calçada se afana  
Sempre com batom  
Na boca  
E a passarela em que desfila dá na pista de lá  
Ornamentada pelo brilho de uma luz que vaza  
Pelos faróis de um caminhão  
Que vai pra beira  
Vindo do Maranhão  
Quantos Brasis percorreria  
Eu te diria 4, 5 ou 6...  
Em qual das federações se fez a gravidez?  
E o bege grude que vicia quando o cheiro exala  
Bem amiúde alucina  
E carrega pro altar  
De lá se vê seu barracão  
Encostado à margem de uma rodovia  
No sol, entre as palmeiras



llessi – vozes  
Paulo Rocha – violões

Roga suas glórias cristãs  
E no afã de ser alguém  
Onde cruza a via  
Colorada pela poeira  
Que vem da estrada feito blush  
Na boca  
E a sudorese nas coxas  
Escorre até o chão  
E se transforma pela combustão  
Do enxofre agridoce  
Ao inalar  
Todo aquele negro pó  
Que asfixia  
Os anseios de quem não quer nada  
No asfalto se assalta  
Na calçada se afana  
Sempre com batom  
Na boca  
E a passarela em que desfila dá na pista de lá  
Ornamentada pelo brilho de uma luz que vaza  
Pelos faróis de um caminhão  
Que vai pra beira  
Vindo do Maranhão  
Quantos Brasis percorreria  
Eu te diria 4, 5 ou 6...  
Em qual das federações se fez a gravidez?  
E o bege grude que vicia quando o cheiro exala  
Bem amiúde alucina  
E carrega pro altar  
De lá se vê seu barracão  
Encostado à margem de uma rodovia  
No sol, entre as palmeiras  
Roga suas glórias cristãs

### 3. MIRAGEM

(Gonzaga da Silva)

Lá depois da dor  
Fui me perfilar  
Reverenciar  
Cortejo da rainha  
A guarda real  
Corri pra burlar  
Coração nas mãos  
Pra lhe ofertar, rainha

Junto a você  
O mundo é dentro de mim  
Desbravador  
Quero seguir

Ilessi – voz  
Aline Gonçalves – clarinetes  
Edson Fernando – pakawaj, morchang  
(berimbau de boca)  
Karina Neves – flauta baixo  
Leandro César – metalo  
Pedro Carneiro – guitarras  
**Participação especial:**  
Paulo Rocha – voz

### 4. PÉ DE SIRIGUELA

(Paloma Roriz)

Encolhidinha no chão,  
vejo o pé de siriguela,  
quase canção,  
árvore velha,  
não cortem não,  
cai nos meus braços  
meu pé de sonho,  
o que é que eu faço?  
Onde os pés ponho?  
Se em teus galhos,  
é onde espalho  
esta criança,  
que em ti dança  
e não se cansa e em ti se lança...  
Meu pé de siriguela,  
segredo que se revela:  
o medo é o avesso  
desse teu tronco espesso,  
a tua fruta é o leito da minha boca,  
a seiva bruta no peito,  
a voz é pouca pra gritar:  
a minha árvore não vão cortar!  
onde é que eu vou me esconder?  
Brincar agora vai ser ruim,  
acho que ela cresce em mim...

Ilessi – voz  
Alexandre Andrés – flauta  
Felipe José – violoncelo  
Rafael Martini – sanfona e piano



## 5. O AMOR ME RECOMEÇA

(Milena Tibúrcio / Caio Tibúrcio)

O amor me recomeça  
– e o amor não é paixão.  
É amor que manifesta,  
manifesta a oração.

O amor me recomeça  
– e o amor não é em vão.  
É amor que rima a festa,  
a festa do coração.

Para curar da tristeza,  
tirar o mal na raiz,  
me dar acesso à beleza  
e, afinal, ser feliz.

O amor me recomeça  
– e o amor não é clarão.  
É amor que faz aresta  
na fresta da ilusão.

O amor me recomeça  
– e o amor não é lição.  
É amor que me atesta,  
me atesta a canção.

Para curar da tristeza,  
tirar o mal na raiz,  
me dar acesso à beleza  
e, afinal, ser feliz.

Ilessi – voz  
Alexandre Andrés – flautas  
Edson Fernando – bateria  
Luiza Brina – baixo  
Thiago Amud – violão

### Participação especial:

Leonora Weissmann – voz

## 6. PAPOULA BRAVA

(Thiago Amud)

Risonho, tresvariado  
Depois de sondar arcanos, oráculos, teoremas,  
escrituras e profundidades  
O poeta, todo ancho, lírico feito um demônio  
Tatuou na cabeça dum alfinete  
Os números ocultos constelados na miúda  
joaninha

Ô, mascou um naco de papoula brava  
Ô, mascou um naco de papoula brava

Quem o viu adormecer  
dentro daquela pedra de litoral?  
Quem o viu adormecer  
dentro daquela pedra de litoral?  
Quem o viu adormecer  
dentro daquela pedra de litoral?  
Quem o viu adormecer, hein?

Montanha e promontório  
Doravante embalarão lagoa, enseada,  
oceano com a cantilena do poeta  
Retumbante fole mudo, híbrido de praga e prece  
E toda vez que o Verbo se consubstancia  
Lá vão as joaninhas apressadas  
rodar aquela pedra

Ô, mascou um naco de papoula brava  
Ô, mascou um naco de papoula brava

Quem o viu adormecer  
dentro daquela pedra de litoral?  
Quem o viu adormecer  
dentro daquela pedra de litoral?  
Quem o viu adormecer  
dentro daquela pedra de litoral?  
Quem o viu adormecer, quem?

Ilessi – voz e “joaninhas”  
Thiago Amud – violão, voz e “joaninhas”







## 7. A REDE SOCIAL

(Thiago Amud)

Essa rede num compensa  
Sei se volto aqui mais, não  
Tudo quanto é desavença  
Nela tem mais propulsão  
A vida é tão mais imensa  
Tem Bíblia, Grande Sertão  
Tem maldade de nascença  
Bondade de coração  
Nisso num há diferença  
da rede pra condição  
Porém a rede num pensa  
E nem sofre compaixão  
E a condição viva e tensa  
Tem nervo e respiração  
Santidade e mal querença  
Num são cliques num botão  
Amizade é uma presença  
Num vem com numeração  
Miséria, guerra e doença  
Num são feitas de jargão  
Nem tudo é like ou ofensa  
Fofura ou conspiração  
A condição sacra e densa  
Num quer nossa opinião  
Quer coragem, quer valença  
Quer ato e contemplação  
Eu, porque mal tenho imprensa  
E arte é meu ganha-pão  
Quando for conveniência  
Volto pra divulgação  
Só num peço mais a bença

Dos demônio da ilusão  
Queira Deus que o mundo vença  
Essa nova obsessão  
E entenda que consciência  
É silêncio e solidão  
A mim, num há quem convença  
Que tanta conexão  
Num torne a alma propensa  
A se queimar na multidão

Ilessi – voz  
Alexandre Andrés – flauta  
Aline Gonçalves – clarinetes, flautas, pífanos  
Edson Fernando – bateria, kanjira, claves, congas,  
triângulo  
Karina Neves – flautas, pífanos  
Luiza Brina – baixo, congas  
Pedro Carneiro – guitarra  
Thiago Amud – violão

## 8. A CULPA É DO SACI

(Edu Kneip)

Quando acontece coisa ruim se culpa logo o saci  
É muito fácil se culpar quem nunca tá por aqui  
Já dizem logo que isso é coisa do carinha, chapa  
da curipira  
Tu não sabe da metade dessa missa, eu vou contar  
Tu não sabe da metade dessa missa, eu vou contar

Politicagem burocrata, sempre tem por aqui  
De sacanagem, toda hora tão xingando o saci  
E tome roubo, tome nêgo te afanando na careta  
de pau  
E todos eles no final dizendo: “A culpa é do saci!”  
Todos eles no final dizendo: “A culpa é do saci!”

É a malandragem sacana do satanás de bermuda  
Espírito Santo, me acuda! Não tô legal!  
E noutro dia foi pego um canalha desse de jeito  
Metendo a mão no direito municipal  
E revistaram o tal cara, botaram no pau de arara  
Fizeram tanto com o bicho que eu nem vi  
Eu só ouvia gemido, falava baixo, tremido

E de repente, num grito, dizia:  
“Vai todo mundo pro inferno, que eu não tenho  
cara de saci!”  
“Vai todo mundo pro inferno, que eu não tenho  
cara de saci!”

Ilessi – voz  
Edson Fernando – afoxé, bateria, “macanudo” e  
triângulo  
Felipe José – violoncelos  
Leandro César – ronda moderna,  
marimbas d’angelim, de porcelanato e de vidro  
Luiza Brina – batás  
Pedro Carneiro – guitarras



## 9. DANÇA

(Alexandre Andrés / Bernardo Maranhão)

Madrugada molhou  
meu pé de romã,  
meu sonho, meu quintal.

Acordei quando o sol sobre a serra  
banhava o sereno na luz.

A última estrela se esqueceu,  
sem corpo de baile, no céu.

Desmanchava-se pálida no lilás,  
entre as órbitas lépidas dos pardais.  
Penerei as memórias da vida.

Um sabor de café,  
beijando a manhã,  
abriu de par em par

as sonoras risadas da moça  
que vinha a procura do amor.

Dançavam as cores no varal  
- levezas insustentáveis,

derrubamos os músculos pelo chão,  
entre farrapos úmidos de algodão.  
Cada queda era um passo, uma dança.

Tempestade se armou,  
espalhando no céu  
seiscentos samurais.

Com tambores, trombetas, coriscos  
e águas sem trégua, choveu.

Tão subitamente desabou  
a chuva que Deus mandava.

Retumbavam heróicos os brados meus,  
sobre a plácida margem do seu olhar.  
Asas sobre nós,  
asas sobre nós,  
asas sobre nós

Ilessi – voz  
Aline Gonçalves – clarinete  
Alexandre Andrés – flauta, flauta em G  
Felipe José – violoncelo  
José Henrique Soares – vibrafones  
Karina Neves – flauta baixo  
Thiago Amud – violão



## 10. MEADA

(Marcelo Fedrá / Thiago Amud)

Diz o poeta que o rei judeu  
Subordinado à Roma Imperial  
Manda matar quem nem mal nasceu  
Vara Belém, cada varão fere a punhal  
Teme um rival rei plebeu  
Reza a razão que a imperatriz  
É condenada por traição  
Perde a cabeça oca em Paris  
Morre com os seus e morre com  
Deus e não morre em vão  
Revolução, cicatriz  
O rei que sangra todos por um  
E o tribunal que mata uma só  
Devem ter muita coisa em comum  
Porém a mente mente e quando a gente sente  
há um nó  
Um quiproqué sem norte algum  
Negar  
Que há um sentido superior  
Que a gravidade quer soterrar  
Mas se a coragem virar compaixão  
é capaz de ela pôr  
Tudo o que é dor no mesmo altar  
Cala a esquerda sobre o Islã  
Cala a direita sobre Israel  
Morre-se ontem, hoje, amanhã  
Calam-se todos, Caim, Abel, Abraão, Ismael  
Que há só um céu  
e um satã

Para colonizar o porvir  
E se apossar do que já passou  
O homem consegue se bipartir  
Joio no trigo, lobo no amigo, queda no voo  
Nem sei quem sou sem mentir  
Mas se a mentira não cai tão bem  
Pra saciar a honra do herói  
Meia verdade já lhe convém  
Sua virtude violenta afugenta os vilões que  
constrói  
E ele remói ser mau também  
Saber  
E prosseguir fingindo que é bom  
O guardião de um grão de poder

Eurasiano, norte-americano,  
homem bomba em Hebrom  
Baixo Leblon, tudo é prazer  
Onde a palavra 'povo' se lê  
Leiam-se mais de mil intenções  
Banto, ariano, maia, malé  
Até que ponto há um povo que pensa  
que inventa as nações?  
Nas multidões quem se vê?  
Quem sabe o povo sabe o que quer?  
Quem leva o povo leva um paiol  
Passivo povo nem vê sequer  
Até que ponto Deus é nativo e Dom Pedro  
espanhol?

Quer futebol, quer mulher  
Pois a palavra 'povo' é covil  
Casa onde o falo põe e dispõe  
Mas já tá murcha a voz varonil  
Baixa na tropa, crise na Europa  
que se decompõe  
E nos propõe um desafio  
Maior  
E que não foi sonhado jamais:  
Votar às Mães a terra, o suor  
Pra que elas gerem o povo que saiba negar  
Barrabás  
Que faça a Paz, mel do melhor



Ilessi – voz  
Aline Gonçalves – flautas doce e clarone  
Leandro César – marimba d'angelim, arco no  
carrilhão  
Rafael Martini – piano e sanfona  
Thiago Amud – violão  
Vitico – alegre, chamador, maracas e tambora  
**Participação especial:**  
Nelson Ângelo e Novelli – vozes

Eis minha odisséia mundo afora, trazendo o mundo que há em mim, e o que de mim oferto pro mundo. Quero apresentar neste disco e no que virá depois, "Mundo afora: do caminhar" (continuação deste), músicas de compositores da minha geração (ou pouco conhecidos, como é o caso do meu pai), de todas as regiões do Brasil. É um disco-manifesto, que mostra o quanto a canção brasileira continua viva, rica e original. A diversidade presente no repertório também se mostra na instrumentação, com a presença de instrumentos pouco usuais da música brasileira, como os indianos kanjira, pakawaj e morchang (berimbau de boca), ou os latinoamericanos alegre, chamador e tambora. Mostro aqui o que há de brasileiro nas coisas do mundo, e o mundo que há nas coisas do Brasil.

Minha mais profunda gratidão a Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, minha mãe Oxum e Pai Joaquim do Oriente. Obrigada aos meus pais Luiz Gonzaga e Tiana e minhas irmãs, Camila e Magna. Obrigada aos meus amigos amados e especiais, por tanta força psíquica, material e espiritual que recebi. A todos os músicos que participaram do CD e a todos os compositores que cederam suas lindas músicas para eu gravar. Obrigada a todos os benfeitores da campanha de financiamento coletivo que viabilizaram a gravação deste CD. A Marcelo China, pela imensa generosidade em ter cedido seu homestudio para a gravação das vozes-guia para o CD. Obrigada a Cidinha, pelo trabalho na fazenda, cozinhando pra gente. A Paulo Rocha, além da bela participação, pela força como assistente de som. A Rafael Dutra, pela parceria no Estúdio Motor. Ao técnico de som João Ferraz, pelo trabalho maravilhoso. A Roger Freret, pela parceria e mixagem maravilhosa. A Ricardo Garcia, pela master campeã. A Karla Pê pelas fotos, filmagens e parceria. A Leonora Weissmann, pela participação deslumbrante no CD, pelo quadro que tanto me emocionou, e pela arte gráfica que fez do CD junto com o querido Júlio Abreu. A Alexandre Andrés, pela imensa amizade e força, e pela multi-atuação como técnico de som, compositor e músico. A Thiago Amud, meu amigo, meu irmão, diretor e arranjador desse disco, que entendeu e traduziu perfeitamente o meu mundo - por tanto e por tudo, a você meu amor e minha gratidão eterna.

Dedico este CD a meu amigo Leandro Dias, caboclo paraense apaixonado e apaixonante, brilhante cancionista brasileiro, amigo amado que se foi antes de eu lançar "Mundo afora: do caminhar", no qual gravarei uma de suas canções.



Arranjos e direção musical: Thiago Amud

Gravação:

João Ferraz – Estúdio Lontra (RJ, janeiro e março de 2017)

Alexandre Andrés – Estúdio Fazenda das Macieiras e Estúdio Motor (Entre Rios e BH, fevereiro de 2017)

Mixagem: Roger Freret – estúdio SoundLab (RJ, abril/ junho de 2017)

Masterização: Ricardo Garcia – estúdio Magic Master (RJ, julho/setembro 2017)

Projeto gráfico: Júlio Abreu + Leonora Weissmann/ Jiló Design

Imagens: Leonora Weissmann – Desenhos e pinturas que integram o trabalho “Um retrato de Ilessi”

